

# Entrevista a D. Javier Echevarría

Publicamos o texto integral da entrevista que o prelado do Opus Dei concedeu ao jornal “La Gaceta de los Negocios” sobre o Sínodo da Eucaristia

10/12/2005

A sede central do Opus Dei está na Rua Bruno Buozzi, 75, da cidade eterna. Exteriormente parece um prédio de apartamentos. Por dentro, é a soma duma série de edifícios de diferente tipo que vão desde a antiga embaixada da Hungria perante a

Santa Sé – com bastante aparência – até blocos de estilo e gosto diferentes. O conjunto é um quarteirão que inclui pequenos jardins interiores com fontes e esculturas que proporcionam um certo desafogo.

Num destes pátios teve lugar a entrevista com o Prelado do Opus Dei. Enviei-lhe um questionário prévio que me entrega em mão assim que me cumprimenta, mas a entrevista continuará enquanto nos tiram fotografias e durante uns bons momentos depois. Fala com rapidez e em voz baixa, com um sotaque que me faz lembrar o italiano. Olha com intensidade. As primeiras perguntas são, necessariamente, sobre o sínodo dos bispos que vai começar no dia seguinte e que vai contar com a presença do Opus Dei participará por expresso desejo do Papa Bento XVI.

**Monsenhor, há quem pense que este Sínodo se vai caracterizar pelo imobilismo.**

Pois enganam-se. O Santo Padre quer ouvir todos os bispos do mundo e os teólogos e especialistas que convidou para assistir. Estou certo de que se vão analisar questões que ajudarão todos a viver melhor o sacramento da Eucaristia e que, as decisões a tomar serão de uma grande ajuda para a igreja universal.

**As entrevistas de Bento XVI com o líder dos lefevrianos, Bernard Fellay, e com Hans Kung transmitiram uma imagem diferente do actual Pontífice. Como interpreta estas audiências?**

Embora não tenhamos muitos dados sobre o seu conteúdo, o que está claro é que a Igreja continua aberta a todos. O Papa vai dando facilidades para que as pessoas se vão aproximando de Deus, para

recuperar almas para Deus. E os que procuram a verdade, encontrá-la-ão.

**D. Javier, há uns dias Bento XVI benzeu uma estátua do fundador do Opus Dei no Vaticano. Vão ser tão boas as relações da Obra com este Papa como foram com o anterior?**

Na Basílica de São Pedro colocaram-se 150 estátuas de santos de todos os tempos. Penso que a bênção por parte dos Papas possui um grande valor simbólico: coloca perante os nossos olhos que também os santos contribuem para edificar a Igreja e a adornam com as suas virtudes; ao mesmo tempo, manifesta-nos que a Igreja apresenta aos católicos o exemplo atractivo desses seus filhos.

**E para o Opus Dei o que é que representa?**

No caso concreto de São Josemaria, a sua figura na Basílica torna-nos

presente que a Prelatura existe para servir a Igreja, e que esse facto constitui o mais ardente desejo de todos os seus fiéis.

## **E o Papa benzeu a estátua...**

Como pode compreender a bênção dada por Bento XVI foi para mim um motivo de grande alegria. Ao mesmo tempo, naqueles momentos pensava no que diria São Josemaria: em todos os dias, também nos que são especiais, temos de cuidar do que é corrente, do que é pequeno, daquilo que passa despercebido a muitos.

## **Desde que faleceu o fundador em 1975, que coisas mudaram na Prelatura?**

O Opus Dei é um organismo vivo que cresce e amadurece com o tempo, com a graça de Deus e seguindo os seus planos, com o esforço de cada homem, de cada mulher, por lutar, e também com os erros pessoais, que

são sempre uma maravilhosa escola pessoal de aprendizagem.

**Certamente terá havido erros, mas durante o Pontificado de João Paulo II não me vai negar que a Obra cresceu em todos os sentidos.**

Nestes 30 anos houve, como é natural, um aumento em pessoas, em países, em novos trabalhos.

Modificou-se o contexto na Igreja e no mundo: basta pensar no que foi o Pontificado de João Paulo II. Não se altera, no Opus Dei, o substancial: o seu espírito fundacional, as implicações da chamada à santificação e ao apostolado na vida corrente, no trabalho profissional, no exercício dos deveres comuns dos cristãos.

**Mas, quais foram as mudanças mais importantes?**

Talvez, as maiores mudanças – para utilizar as suas palavras – referem-se

a dois acontecimentos de grande transcendência posteriores a 1975: a configuração do Opus Dei como Prelatura, momento que São Josemaria já previra desde o início, e a canonização do fundador. Estes dois marcos têm consequências de certo modo incalculáveis. Entre outras, pode dizer-se que vieram confirmar de modo solene, a finalidade espiritual do Opus Dei no seio da Igreja.

## **E que consequências teve a canonização para os membros da Obra?**

Na minha opinião, com a canonização, os fiéis da Prelatura sentiram-se alentados a aumentar a sua responsabilidade, o seu compromisso evangelizador. Nos meses que precederam este evento, eu, pelo menos, repetia para mim mesmo que a canonização tinha de

apontar para uma nova conversão, uma nova procura de Deus.

**Essa conversão tem a ver com os novos apostolados que a Obra está agora a desenvolver?**

Os apostolados dependem das necessidades de cada ambiente: perante as novas necessidades da sociedade, ou das almas, nascem os trabalhos adequados.

Concretamente, nos últimos anos surgem várias iniciativas no âmbito da família, de carácter muito variado. Tenho a alegria de poder ouvir muitas pessoas que me falam de projectos que estão a promover, cada uma ao seu modo: actividades de formação espiritual para homens e mulheres casados, cursos sobre o amor conjugal ou a educação dos filhos.

**Parece que os apostolados da Prelatura se orientam para a família?**

Parece-me lógico que surjam iniciativas tão abundantes, essas e outras, porque a família constitui uma fonte de vida e de felicidade, agora e sempre. Percebe-se cada dia com maior clareza a importância de cultivar essa dimensão familiar da existência, que contribui para o imprescindível ambiente de carinho, e ao mesmo tempo fortalece a sociedade civil.

## **Esse apostolado familiar é específico do Opus Dei?**

No Opus Dei, os apostolados realizam-se de pessoa a pessoa, de amigo a amigo. A eficácia da evangelização não depende só das estruturas, nem das organizações. A chave principal consiste em que os católicos saibam tornar presente Jesus Cristo, que ajudemos os outros a descobrirem a formosura e a verdade da sua Palavra, e que

tratemos com caridade as pessoas que nos rodeiam.

**Essa é também o trabalho evangelizador de todos os cristãos.**

“Para servir, servir”, afirmava com frequência São Josemaria. Não duvido de que essas palavras se possam aplicar ao trabalho evangelizador da Igreja: se servimos os outros, seremos úteis à Igreja como transmissores do Evangelho. Desse modo podemos resumir as credenciais do cristão.

**Que efeitos tem para o Opus Dei o facto de ter, por exemplo, dois cardeais e, actualmente, dois bispos em Espanha, os arcebispos de Burgos e Tarragona?**

Antes de responder, desejo precisar os termos da sua pergunta, porque a Prelatura não “tem” cardeais nem bispos. Os cardeais e bispos dependem do Papa no seu trabalho.

Mas iria até mais longe, mesmo com o risco de parecer exagerado: o verbo “ter” também não é apropriado se referir a qualquer dos fiéis da Prelatura. Certamente, costuma-se dizer que uma pessoa “pertence” ao Opus Dei, ou que uma diocese “tem” tal número de sacerdotes ou de fiéis. Mas, como é óbvio, essa pertença não significa propriedade, mas outra forma de relação.

## **Aceito o esclarecimento.**

Digo isto porque me parece que às vezes se fala desacertadamente da Igreja como se fosse uma instituição que de algum modo pode “manobrar” os seus fiéis, quando na realidade a Igreja é um espaço familiar onde se vive em liberdade. E, no Opus Dei, o primeiro defensor da liberdade própria e alheia foi sempre São Josemaria.

**Mas não negará que essas nomeações afectam a Obra?**

O facto de alguns sacerdotes da Prelatura serem nomeados Cardeais ou Bispos acarreta uma perda de braços para os apostolados peculiares do Opus Dei, o que se aceita com a alegria de servir também deste modo a Igreja Universal.

**Falando de Liberdade. É um facto que a sociedade já não é cristã. Nem nas suas leis, nem nos seus costumes. Como vê o futuro do nosso país?**

Tenho sérias dúvidas de que se possa fazer uma afirmação tão absoluta. Penso que boa parte da sociedade espanhola é cristã e que, em não poucos aspectos, quase toda a sociedade espanhola o é: basta recordar, por exemplo, as muitas tradições, arraigadíssimas e muito populares, que têm um significado eminentemente religioso. Também é necessário precisar que, na

realidade, quem são cristãos são as pessoas.

**Talvez em Espanha alguns dos que se dizem cristãos não o sejam tanto, ou não vivam como tal.**

Bom, no que se refere à fé, o futuro está em aberto. Por um lado, os católicos confiam sobretudo na graça e na misericórdia de Deus, não na nossa capacidade humana de persuasão. Por outro lado, como a fé se transmite pelo apostolado, o futuro está nas nossas mãos: se os católicos nos ajudarmos uns aos outros a ser coerentes, alegres, prestáveis, humildes, íntegros, trabalhadores; se participarmos na vida pública do país, exercendo os nossos direitos e os nossos deveres de cidadãos, então o panorama da Igreja em Espanha é prometedor.

**Mas não vai negar negará que o ambiente não é cristão.**

O ambiente exterior influencia, certamente, mas o futuro da fé depende sobretudo da fidelidade dos cristãos.

**Talvez seja algo muito distinto ao que acabou de ver nas Jornadas da Juventude em Colónia.**

Quem participou no encontro de Colónia experimentou as ânsias de encontrar Deus de muitas centenas de milhar de jovens, e também de pessoas adultas que se comoveram com a mobilização surgida de todos os continentes.

**Mas, à margem de Colónia, não negará que o mundo se afasta de Deus.**

Tem razão: muitos outros sintomas falam de que, infelizmente com demasiada frequência, nós os homens afastamo-nos de Deus, olhamos para o lado. Não se trata de enumerar de novo os motivos de

preocupação, os surtos de violência, a praga da solidão, o desprezo pela vida, a difusão duma mentalidade relativista, tão claramente denunciada por Bento XVI, etc. Mas não me quero deter na descrição dos males do nosso tempo; nem posso esquecer os numerosos elementos positivos da sociedade actual.

## **Mas, que pode fazer um cristão perante esta sociedade?**

Em qualquer caso, a resposta ao mal não passa pela queixa nem pela lamentação, mas está na decisão humilde e alegre de contribuir com o nosso grão de areia para a construção colectiva do bem. Vem-me à mente outra expressão muito querida de São Josemaria “semeadores de paz e de alegria”. É assim que os cristãos têm de agir.

## **Falando de agir. Em Espanha alguns continuam desconfiados com a presença do Opus Dei na**

## **vida pública. Com a sua força e poder ...**

Penso que a atitude de alguns, que descreve – menos do que se pensa – reflecte o problema a que antes me referi: o erro de olhar para os católicos em geral, ou para os fiéis do Opus Dei em particular, como peças dum engrenagem, parte dumha organização, que obedecem cegamente a ordens vindas do alto, e actuam em bloco nos assuntos políticos. Nada mais afastado da realidade: os milhões de pessoas que conheceram em primeira mão o Opus Dei em Espanha, nos seus quase 80 anos de existência, dão testemunho unânime da liberdade que encontraram.

**Talvez o que rejeitam é a presença dos membros da Prelatura na política.**

Penso que à medida que se for entendendo melhor a liberdade dos

católicos na vida pública e política, e que se superarem esquemas ideológicos que pertencem ao passado ou que correspondem a mentalidades pouco abertas, se compreenderá melhor que os fiéis do Opus Dei têm a mesma liberdade dos outros cidadãos que tomam as decisões que configuram a sociedade.

**E julga que as instituições da Igreja desempenharão um papel importante na sociedade?**

Um dos sintomas mais claros do progresso das nossas sociedades é que se tem cada vez mais em conta os direitos do cidadão, do homem comum. As comunidades humanas formam-se com o livre exercício do direito de voto, com o pagamento dos impostos, com o trabalho profissional cada dia mais qualificado, etc. São os cidadãos quem toma as decisões que configuram a sociedade.

**E julga que a esses cidadãos lhes interessa o que a religião lhe pode oferecer?**

Com certeza. Nada mais lógico e natural que a Igreja desenvolva o seu trabalho de proclamar o evangelho entre os leigos, porque a eles lhes corresponde, com liberdade e com responsabilidade, colocar a luz da fé no coração das actividades humanas, dignificar todas as tarefas nobres, construir uma sociedade à medida da admirável dignidade da pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus.

**Mas o que talvez ao homem não lhe interesse é o que a religião lhe possa dar.**

O destino da Igreja e o destino do mundo não se contrapõem nem caminham separados. Um e outro dependem da responsabilidade dos cidadãos, dos católicos, especialmente dos leigos.

## **Vejo que está muito optimista.**

É que, acima das vicissitudes históricas, a promessa do Senhor dá um fundamento seguro à nossa esperança: “Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo”. A mim essas palavras enchem-me dum profundo optimismo, porque a verdade triunfa sempre, ainda que se devam superar sofrimentos e contradições.

**Fernando Rayon // La Gaceta de los Negócios**

---

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/entrevista-a-d-javier-echevarria/> (24/01/2026)